

## TV PIBID E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID LETRAS PORTUGUÊS

Leila Maria Tesch<sup>1</sup>

Jaciara de Moura Veche<sup>2</sup>

João Paulo da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho descreve uma das ações desenvolvidas no Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do subprojeto Letras Português da Ufes, em uma turma de 3º ano do Ensino Médio, na EEEM Irmã Maria Horta, localizada em Vitória/ES. Neste artigo, apresentamos a sequência didática desenvolvida, denominada TV Pibid, descrevendo todas as etapas, e, concomitantemente, um relato da experiência. O objetivo geral dessa sequência didática foi levar os alunos a uma reflexão sobre a heterogeneidade linguística e sobre os aspectos culturais, econômicos e sociais que levam cada pessoa a falar de determinada forma. Para isso, foram abordados os conceitos básicos e os principais pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística e as orientações de documentos oficiais, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que já recomendam um ensino de Língua Portuguesa que considere e demonstre que a língua é heterogênea e que o domínio dessa heterogeneidade deva ser reconhecido e valorizado. A TV Pibid foi a dinâmica utilizada para o desenvolvimento do tema, sendo utilizada inicialmente para facilitar o contato com os alunos, depois em uma entrevista com a jornalista Any Cometti e, ao final, com entrevistas realizadas pelos próprios alunos com profissionais diversos da escola.

**Palavras-chave:** Pibid. Ensino de Língua Portuguesa. Variação Linguística. Sequência didática. TV Pibid.

**Abstract:** This work describes one of the actions developed in the Pibid (Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships) of the sub-project Letras Português da Ufes, in a class of 3rd year of High School, in the EEEM Irmã Maria Horta, located in Vitória/ES. In this article, we present the didactic sequence developed, called TV Pibid, describing all the stages, and, concomitantly, an account of the experience. The general objective of this didactic sequence was to lead students to a reflection on linguistic heterogeneity and on the cultural, economic and social aspects that lead each person to speak in a certain way. To this end, the basic concepts and main assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change were addressed, as well as the guidelines of official documents, such as the BNCC (Common National Curricular Base), which already recommend a Portuguese language teaching that considers and demonstrates that the language is heterogeneous and that the domain of this heterogeneity must

---

1 Professora Adjunta do Departamento de Línguas e Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Vitória/Espírito Santo. E-mail: [leilatesch@gmail.com](mailto:leilatesch@gmail.com)

2 Graduada do curso de Línguas e Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Vitória/Espírito Santo. E-mail: [jaciaraveche45@gmail.com](mailto:jaciaraveche45@gmail.com)

3 Graduando do curso de Línguas e Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Vitória/Espírito Santo. E-mail: [jonhpaul45@gmail.com](mailto:jonhpaul45@gmail.com)

be recognized and valued. Pibid TV was the dynamic used to develop the theme, being used initially to facilitate contact with students, then in an interview with journalist Any Cometti and, at the end, with interviews conducted by the students themselves with different professionals from the school.

**Keywords:** Pibid. Portuguese Language Teaching. Linguistic variation. Following teaching. Pibid TV.

### **Considerações iniciais**

O Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) visa a antecipar o vínculo entre os licenciandos e a sala de aula da rede pública de ensino. Dessa forma, efetiva uma importante articulação, unindo as secretarias estaduais e municipais de educação e os cursos de licenciatura, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas. Para isso, oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de licenciatura que se dediquem ao programa nas escolas públicas. O Pibid, assim, auxilia esses alunos, durante sua participação no projeto, a desenvolver diversos métodos didáticos, além da oportunidade de conhecer a sala de aula sob o prisma do docente.

O subprojeto Letras Português da Ufes, desde 2009, tem por objetivo a ação integrada entre universidade e escola, na formação dos futuros professores de Língua Portuguesa da Educação Básica. Tencionando superar a dicotomia entre teoria e prática no exercício do magistério, o subprojeto se caracteriza pelo desenvolvimento de alternativas didático-pedagógicas no ensino da disciplina, com foco nos resultados de aprendizado discente e na prática docente. Experiências metodológicas inovadoras, tecnológicas e interdisciplinares revelam o cunho investigativo e reflexivo que o reveste, basilares no tratamento dos temas, conceitos e teorias linguísticas por parte dos licenciandos em formação.

Nesse subprojeto, é adotada a seguinte dinâmica de trabalho: todos os bolsistas atuam em sala de aula da Educação Básica, sob a orientação de uma das supervisoras que são professoras nas escolas parceiras e que acompanham os pibidianos na sala de aula, e cada pibidiano sempre atua ao lado de algum colega, tendo em vista que são formadas duplas e/ou trios de trabalho. Essas duplas e/ou trios escolhem uma das professoras supervisoras para trabalhar em parceria e, conseqüentemente, atuam na escola em que elas são docentes. Em seqüência, escolhem uma turma em que as supervisoras ministram a disciplina de Língua Portuguesa e desenvolvem as atividades por eles propostas. A partir desse momento, devem ministrar uma aula por semana nessa mesma turma. Antes de ministrarem as aulas, os

pibidianos apresentam à supervisora e à coordenadora de área a sequência didática que pretendem desenvolver. Essas sequências didáticas também são relatadas nas reuniões semanais com a coordenadora de área e os demais pibidianos.

O presente artigo visa a apresentar uma sequência didática, denominada TV Pibid, relacionada ao tema da variação linguística e ao preconceito linguístico, aplicada a uma turma de 3º ano do Ensino Médio, na EEEM Irmã Maria Horta, em Vitória/ES, no segundo semestre de 2019, durante as aulas ministradas pelos pibidianos Jaciara de Moura Veche e João Paulo da Silva, supervisionados pela professora Fabíola Colares Neto e coordenados pela professora Leila Maria Tesch.

Com o desafio de lecionar aulas para o Ensino Médio de uma escola localizada em Vitória, especificamente em um bairro nobre da capital do Espírito Santo, mas que acolhe alunos de diversas localidades da cidade e de diferentes situações financeiras, exatamente pela sua localização, sabíamos de antemão o que teríamos de encarar, tendo em vista essa diversidade. Diante desse quadro, o desejo de trabalhar em sala de aula com a variação linguística surgiu. Muitos questionamentos vieram à tona nesse momento relacionados a como trabalhar esse tema, mas com nossas ideias, as orientações da supervisora e da coordenadora e sugestões dos demais pibidianos construímos a proposta da TV Pibid que destacou o protagonismo dos alunos ao realizar as atividades propostas.

Neste artigo, apresentamos a sequência didática aplicada e relatamos as experiências por nós vivenciadas. A discussão do tema da variação linguística se mostrou muito relevante, tendo em vista que ainda predomina a visão de que há certo e errado na língua, a ideia de uma língua homogênea e que, infelizmente, pode gerar situações de preconceito linguístico devido ao uso de algumas formas linguísticas.

Os documentos oficiais, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), já recomendam um ensino de Língua Portuguesa que considere e demonstre que a língua é heterogênea e que o domínio dessa heterogeneidade deva ser reconhecido e valorizado.

Tendo em vista essas questões, a seguir, apresentaremos pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, orientações oficiais para o ensino da Língua Portuguesa, com base na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a sequência didática aplicada e o relato das experiências vivenciadas e as considerações finais.

## **A Teoria da Variação e da Mudança Linguística**

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista teve seus primeiros estudos realizados no início dos anos de 1960, nos Estados Unidos, por William Labov. De acordo com essa vertente de estudo, “a variação (...) não é um produto da mistura dialetal irregular, mas uma propriedade inerente e regular do sistema” (LABOV, 2008 [1972], p. 262).

O principal pressuposto da Teoria da Variação e da Mudança Linguística é que a língua é heterogênea e regular, ou seja, é possível verificar fatores linguísticos e sociais relacionados às estruturas heterogêneas e o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975], p. 126-127).

Para o desenvolvimento de pesquisas na área da Sociolinguística, a intuição não é usada como fonte de dados, mas, sim, a análise da língua em usos efetivos. A fonte de dados pode ser de entrevistas sociolinguísticas, de conversas espontâneas, de narrativas formais, de gêneros escritos diversos, entre outros recursos de coletas de dados.

No entanto, o objetivo central é o entendimento do vernáculo,

onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente. [O vernáculo é] o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 243-244).

Constatamos, assim, que é objetivo do sociolinguista analisar a língua em uso em situações em que o falante preste o mínimo de atenção ao como está produzindo as enunciações. Por exemplo, a língua falada entre pessoas mais próximas.

Os fenômenos linguísticos investigados são denominados de variantes ou variáveis dependentes e, para tal, necessitam apresentar o mesmo valor de verdade, ou seja, ter o mesmo significado referencial e apresentar necessariamente algum grau de aleatoriedade (LABOV, 2008 [1972], p. 313). Para um maior entendimento dessas questões discutidas, podemos apresentar um exemplo do português brasileiro - a variação na expressão da primeira pessoa do plural entre as variantes *nós* e *a gente*. As duas formas apresentam o mesmo valor referencial, podendo usar uma forma ou outra, como podemos constatar nos exemplos 01 e 02, ilustrados com o verbo falar:

(01) *Nós* falamos.

(02) *A gente* fala.

As variáveis independentes (também denominadas de restrições, motivações, grupos de fatores, fatores ou preditores) podem ser de natureza interna, social e interacional e são igualmente importantes. O objetivo do sociolinguista é justamente analisar quais variáveis estão relacionadas a cada variação para entender e descrever as regularidades observadas com dados de usos linguísticos.

Por exemplo, na variação da expressão da primeira pessoa do plural, entre as variantes *nós* e *a gente*, pesquisas realizadas no estado do Espírito Santo verificaram que na capital Vitória (com 100% da população morando na zona urbana), foram constatadas 70,8% da forma *a gente* e apenas 29,2% de *nós* (MENDONÇA, 2010, p. 74). Entretanto, no município com o maior percentual de residentes da zona rural desse mesmo estado, Santa Leopoldina, foram encontradas 53,9% de *a gente* e 46,1% de *nós* (FOEGER, 2014, p. 96). Dessa forma, podemos constatar que a variação na expressão de primeira pessoa do plural se dá de forma distinta a depender da localidade, mesmo dentro do mesmo estado, no caso, o Espírito Santo.

Ainda em relação à variação entre as formas *nós* e *a gente*, a pesquisa de Foeger demonstrou que fatores sociais, como faixa etária, influenciam na variação entre as formas *nós* e *a gente*.

A atuação do fator social faixa etária é o que mais diferencia o comportamento linguístico dos leopoldinenses e dos capixabas moradores de Vitória. Na capital do estado, assim como em várias outras regiões brasileiras, os jovens são os que mais favorecem o uso da forma inovadora, apontando, em tempo aparente, uma mudança em progresso. Entretanto, na zona rural de Santa Leopoldina os resultados não nos permitem falar em mudança, visto que os jovens favorecem acentadamente o pronome canônico (0,78 de peso relativo<sup>4</sup> na faixa etária de 07 a 14 anos) e a única faixa etária que favorece *a gente* é a que compreende os falantes entre 26 a 49 anos. Para essa configuração da faixa etária, temos duas possibilidades de interpretação: trata-se de gradação etária, mais especificamente relacionada ao mercado ocupacional (linguistic marketplace) ou de um modo de afirmação de identidade linguística e social. (FOEGER, 2014, p. 143)

Para a realização de estudos como os citados anteriormente em Vitória e Santa Leopoldina, ambos situados no estado do Espírito Santo, foram anteriormente elaborados bancos de dados para a realização de pesquisas em dados de usos linguísticos reais. Esses dados são retirados de entrevistas sociolinguísticas que, segundo o *Dicionário Crítico de Sociolinguística*, de Marcos Bagno (2017),

---

<sup>4</sup> O peso relativo é calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor do peso relativo recai sempre no intervalo de zero e um (0-1), em que valores mais próximos a zero indicam que esse fator inibe a variante e valores mais próximos a um indicam que o fator favorece a variante em análise (GUY; ZILLES, 2007, p. 239).

É a técnica de coleta de dados por observação controlada mais praticada na sociolinguística variacionista. (...) Para registrar o *comportamento* linguístico do informante, o pesquisador leva um roteiro com perguntas, temas de conversação ou módulos temáticos de perguntas encadeadas à guisa de estímulo para obter dele a fala no estilo correspondente, com respostas o mais extensas possível. Nas investigações *quantitativas*, o conteúdo propriamente dito não é tão importante, já que as perguntas são um simples instrumento para a obtenção da fala em situação de conversa. (...) É preciso que o informante se sinta mais à vontade e, principalmente, mais envolvido com sua própria fala para não se incomodar tanto com a presença, a sua frente, de um gravador. (...) Nesse tipo de entrevista, é preciso que o investigador assuma uma postura modesta diante do informante, atribuindo autoridade a este, para que a entrevista se dê da maneira mais fluida possível e com o protagonismo exercido pelo informante. (BAGNO, 2017, p. 109-110, grifos do autor)

Um exemplo de banco de dados desse tipo, com entrevistas sociolinguísticas, é o PortVix (Português falado na cidade de Vitória).

Este projeto, de orientação variacionista, gravou, entre 2001 e 2003, quarenta e seis entrevistas com pessoas nascidas em Vitória, divididas segundo as variáveis relativas ao sexo/gênero, idade e escolaridade. (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 772)

O PortVix é um banco de dados sociolinguístico utilizado para descrever fenômenos linguísticos variáveis da comunidade de fala de Vitória/ES, revelando suas particularidades e suas confluências com outras comunidades. A metodologia desenvolvida para a coleta dos dados do PortVix objetivou obter o maior número de dados com o máximo de qualidade e atingir o vernáculo, que é o estilo de fala que apresenta o mínimo de interferência do observador.

Em relação às pesquisas na área da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, vale ressaltar que ao descrevermos os fenômenos variáveis e entendermos a sistematicidade dos usos linguísticos, estamos contribuindo para um maior domínio das regras variáveis da Língua Portuguesa e, conseqüentemente, tendo acesso a informações que podem contribuir com um ensino de Língua Portuguesa mais condizente com a realidade linguística dos usuários dessa língua.

A seguir, apresentamos as principais orientações de documentos oficiais a respeito das questões ligadas à variação linguística.

### **Orientações oficiais, ensino de Língua Portuguesa e variação linguística**

A escola tem um papel que vai além do desenvolvimento cognitivo e intelectual, uma vez que também tem um papel social e cultural importante. Por isso, é extremamente necessário que os documentos oficiais estejam relacionados com esses papéis.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem como objetivo nortear os currículos das secretarias estaduais e municipais de educação de todo o Brasil, regulamentando as aprendizagens essenciais abordadas nas escolas públicas e particulares. Contribuindo, assim, com o direito ao desenvolvimento pleno de uma formação integral, construindo uma educação mais justa e democrática e promovendo uma igualdade no sistema educacional.

Há muita discussão sobre esse termo igualdade que a BNCC apresenta, levando em consideração as tantas variedades presentes no país, inclusive a linguística, e, por isso, surge o questionamento: é possível manter uniformidade no ensino dentro de um país com tantas diversidades?

A BNCC defende que o aluno deve desenvolver na escola habilidades para viver em sociedade, denominados campos de atuação. São habilidades aprendidas durante as aulas, através de ferramentas didáticas. Além dos campos de atuação, a BNCC também elenca 10 competências gerais que direcionam todas as habilidades que deverão ser adquiridas durante as aulas no ensino infantil, fundamental e médio.

O documento foi produzido, em geral, por especialistas e em debate com a sociedade. Dentre as áreas de conhecimento, há a área de Linguagens e suas Tecnologias, que tem como componentes Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa. A área apresenta como objetivo principal promover o protagonismo juvenil.

Vamos nos limitar, neste artigo, a discutir o componente de Língua Portuguesa. O objetivo geral deste componente é desenvolver os múltiplos letramentos, levando em consideração a diversidade textual que circula na sociedade, valorizando assim a vivência do aluno, além de ter como foco os gêneros textuais como fonte principal de ensino, centrando no texto e a sua relação com os contextos de produção. Para isso, a BNCC foi organizada em quatro eixos de trabalho, sendo eles: leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística/semiótica.

Ao realizarmos o trabalho com os alunos no projeto do Pibid, consultamos, inicialmente, a BNCC para obtermos informações sobre as competências e habilidades que deveriam ser desenvolvidas no trabalho com a variação linguística.

No artigo *Variação Linguística e BNCC: Um olhar para o Ensino Médio*, Menezes, Santos e Silva (2020, p. 317) explicam que

Mesmo diante da diversidade de falantes em contexto escolar, temos vivenciado, especificamente em relação às aulas de Língua Portuguesa (LP), os professores trabalhando com tópicos, principalmente de gramática, de maneira descontextualizada (BATISTA; SANTOS; SANTOS, 2019), na qual se prioriza o ensino de gramática

normativa e, conseqüentemente, é estabelecida a noção de “certo” e “errado” (no momento de fala e escrita do aluno), favorecendo um único uso como padrão da LP.

Quando usamos “certo” e “errado”, no contexto escolar, nas aulas de Língua Portuguesa, estamos julgando, na verdade, as variedades utilizadas pelos alunos.

Em geral, ignora-se o fato de o aluno possuir sua gramática internalizada, que é formada naturalmente, constituída através da abstração da exposição externa constante da língua materna. Essa gramática é um conjunto de regras que o falante vai dominando no processo de aquisição da linguagem e essas regras normalmente são fixadas até os cinco anos de idade, porém não são exploradas na escola.

Como salientam Menezes, Santos e Silva (2020), os tópicos que são abordados nas aulas de LP favorecem a gramática normativa, ignorando as regras das gramáticas internalizadas dos próprios alunos, ou seja, não abordando a variação linguística.

Quando algum professor ou algum livro didático apresenta a questão da variação linguística, algumas instituições não concordam, julgando que a escola deve ensinar somente a gramática normativa e não levam em consideração a realidade do aluno. A escola e a sociedade viram as costas para esse professor, considerando inadequado aquele tipo de conhecimento. No entanto, é importante frisar aqui que os professores estão respaldados pelo documento orientador produzido pelo governo, a BNCC, para levar para a sala de aula os temas relacionados à variação linguística.

Na BNCC, ao observarmos as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, constatamos, entre as cinco primeiras, quatro objetivos diretamente relacionados aos princípios da variação linguística:

1. Reconhecer a língua como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
3. Demonstrar atitude respeitosa diante de variedades linguísticas, rejeitando preconceitos linguísticos.
- (...)
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequado à situação comunicativa, ao interlocutor e ao gênero textual. (BRASIL, 2018, p. 66)

Como se pode observar, na proposta geral para o ensino dessa disciplina, há foco em uma concepção discursiva da linguagem, em uma abordagem reflexiva da língua e um destaque para as questões relacionadas à variação linguística e ao respeito linguístico.



Segundo o documento, é necessário e importante em sala de aula compreender as línguas como processo dinâmico aos contextos, como um sistema heterogêneo, para não haver, por consequência, o risco de se promover o preconceito linguístico, sem julgar um indivíduo ou um grupo social pelo modo de falar. É válido ressaltar aqui que não julgar o outro é uma habilidade importante para se viver no campo da vida pessoal e na atuação da vida pública, campos esses que são pontos que a BNCC se preocupa.

Conforme mencionado, a BNCC destaca a questão da variação linguística e elenca diversas competências para auxiliar os profissionais da educação para tratarem do tema. Por exemplo, a competência 06 orienta

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 490)

Constata-se, nessa competência, que é importante respeitar e valorizar as diversidades de saberes e a variação linguística está ligada a essa diversidade. Há diversas variantes em uso em um pequeno espaço geográfico, por exemplo. Quando a escola desconsidera essas variações e foca todo o ensino de Língua Portuguesa na gramática normativa, ignora o fato de essa atitude pode ocasionar, inclusive, o preconceito linguístico, pois faz parecer que a única forma legítima de uso da língua seria de acordo com os registros da norma padrão.

Há muito receio por parte dos professores de Língua Portuguesa em abordar questões ligadas à variação linguística nas salas de aula. No entanto, conforme destacamos, os documentos orientadores da educação básica no Brasil, como a BNCC, preocupam-se constantemente com esse tópico. Inclusive, a competência 09 da BNCC aponta que é necessário

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 09)

Essa competência a qual a BNCC sensivelmente apresenta aponta que para possibilitar uma sociedade mais justa e igualitária um dos passos principais é o respeito e a valorização do sujeito e sua história. Por isso, nas aulas de Língua Portuguesa, é tão importante levar em consideração os pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, uma vez que não julgar o outro pela fala é ter o mínimo de humanidade, é exercitar a empatia, é respeitar e acolher o próximo, valorizando sua diversidade.

Marta Scherre, em *Línguas, culturas e literaturas em diálogo: identidades silenciadas*, aborda a questão do preconceito social que usa da tradição gramatical como camuflagem para opressão.

O apelo à tradição gramatical para o exercício do preconceito linguístico é um grande mecanismo de projeção, consciente ou inconsciente. A tradição gramatical não determina nossas interações discursivas orais. Somos nós, humanos, os verdadeiros agentes do silenciamento. Humanizar e democratizar é sempre preciso, especialmente por meio da linguagem, o nosso bem maior, inalienável, do qual somos senhores absolutos. (SCHERRE, 2019. p. 38)

A autora aponta a sua preocupação com o enfoque gramatical e como isso pode ser prejudicial nas interações discursivas. Quando o trabalho torna-se maniqueísta, o aluno não torna-se crítico, não valoriza sua história, seus saberes.

Ao decidirmos abordar o tema da variação linguística em nossas aulas no Pibid, tínhamos como um dos nossos objetivos mostrar aos alunos que, na grande maioria das vezes, o preconceito linguístico serve como uma espécie de máscara usada pela elite para excluir os mais desfavorecidos do sistema e, assim, encobrir o fato de que na verdade existe uma razão social, política, racial e econômica que a faz agir de forma preconceituosa com essas pessoas, usando como desculpa de que optam ignorá-las por elas “falarem errado”.

Apresentar aos alunos os conceitos e pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística e debater essas questões em sala de aula é uma forma de resistência, é dar voz aos silenciados, e contribuir para a formação coletiva e crítica desses alunos.

Com esse objetivo em mente e levando em consideração as diretrizes dos documentos oficiais que orientam o ensino da Língua Portuguesa, propomos e desenvolvemos o projeto TV Pibid, apresentado a seguir.

## **TV Pibid**

A TV Pibid foi um dos projetos que desenvolvemos durante o período em que atuamos no Pibid, do qual temos muito orgulho. Esse projeto surgiu, inicialmente, para ser usado como uma dinâmica para “quebrar o gelo” em nosso primeiro contato com uma turma de 3º ano do Ensino Médio, na EEEM Irmã Maria Horta, sob a supervisão da professora Fabíola Colares Neto e a coordenação da professora Leila Maria Tesch, no segundo semestre de 2019.

A atividade consistia em fazermos pequenas entrevistas com os discentes para conhecê-los melhor e nos enturmar. Para isso, fizemos uma imitação de uma câmera, de papelão,

ilustrada na foto 1. Nessa atividade, abordamos os alunos e fizemos algumas perguntas, estilo entrevista, para conhecer melhor cada um deles.

Foto 1: Imagem da câmera utilizada para realizar as entrevistas com os alunos.



Fonte: Arquivo pessoal dos pibidianos.<sup>5</sup>

A sequência didática proposta, apresentada nesta seção, teve como objetivo levar os alunos a uma reflexão sobre a língua, mais especificamente, sobre questões relacionadas à variação linguística. Usamos como base conceitos básicos e pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, o que posteriormente auxiliou para que todos pudessem refletir sobre a heterogeneidade presente nos usos da língua portuguesa.

Levando em consideração que a dinâmica da TV Pibid foi muito bem sucedida nesta turma, retomamos a ideia da TV Pibid para abordarmos o tema da variação linguística. O objetivo geral da sequência didática foi levar os alunos a uma reflexão sobre a heterogeneidade linguística e sobre os aspectos culturais, econômicos e sociais que levam cada pessoa a falar de determinada forma e que isso não deve ser razão para classificar alguém como melhor ou pior que outra pessoa.

Em um primeiro momento, ou seja, na primeira aula, conduzimos os alunos para a sala de informática da escola e apresentamos aos alunos dois vídeos para iniciar a conversa sobre variação linguística, sendo esses o vídeo da música *Zazulejo*<sup>6</sup> do grupo *Teatro Mágico* e o vídeo do documentário *Entrevista com Maria*<sup>7</sup>. Ambos apresentam diferentes formas de fala e propiciam a discussão sobre a questão do “padrão gramaticalmente correto”. A música aborda, de forma divertida, como pronunciamos determinadas palavras e o documentário relata a

<sup>5</sup> As autoras declaram possuir direitos autorais de todas as fotos presentes neste trabalho.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UdsxywBK2D4> Acesso em: 13/12/20.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Fb\\_Z-Ty1Eh4](https://www.youtube.com/watch?v=Fb_Z-Ty1Eh4) Acesso em: 13/12/20.

história de uma senhora que era “sem terra”, humilde, contando, com suas próprias palavras, a sua trajetória de vida e de como conseguiu seu pequeno pedaço de terra.

Em seguida, entregamos um *handout*, apresentado no quadro 1, com cinco perguntas acerca dos vídeos para realização de uma discussão oral em pequenos grupos e, posteriormente, para compartilhamento oral com a toda a turma:

Quadro 1: *Handout* com cinco perguntas relacionados aos vídeos da música *Zazulejo*<sup>8</sup> do grupo *Teatro Mágico* e do documentário *Entrevista com Maria* para discussão

- 1) Na música aparecem muitas crendices populares. As crendices populares são, geralmente, como o próprio nome já diz, costumes e crenças que as pessoas aprendem de geração em geração. Sublinhe todas as crendices que aparecem na música, comente o que você acha a respeito delas e escreva alguma outra que você conheça e que não conste na canção.
- 2) O grupo *Teatro Mágico*, de uma maneira muito criativa e bem humorada, desenvolveu a música *Zazulejo* para mostrar um português diferente, falado por muitas pessoas do Brasil. Circule todas essas palavras que fogem daquilo que é conhecido como “gramaticalmente correto”.
- 3) Quais são os motivos pelos quais essas pessoas não sabem ou entendem o modo “gramaticalmente correto”, na sua opinião?
- 4) Vocês conhecem pessoas que falam ou escrevem dessa forma? Elas estudam/estudaram? Até que período na escola? Vocês acham que elas abandonaram a escola em algum momento durante o percurso da educação básica (ensino fundamental e médio)?
- 5) Quem são as pessoas que estão na escola, porém não tiveram acesso a ela?

Fonte: Elaboração própria dos pibidianos.

Levando em consideração as questões abordadas nessas perguntas ligadas a esses dois vídeos, iniciamos uma discussão com os alunos sobre o conteúdo apresentado e adentramos as questões conceituais sobre variação linguística, preconceito linguístico, processo de escolarização no Brasil e indivíduos escolarizados e não escolarizados.

A música *Zazulejo*, do grupo *Teatro Mágico*, apresenta algumas crendices populares e junto a isso usa de uma linguagem mais popular e, para muitos, “fora do padrão”. Após a exibição desse vídeo, os discentes levantaram questões acerca do “gramaticalmente correto” e o porquê de algumas pessoas o usarem e outras não.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UdsxywBK2D4> Acesso em: 13/12/20.

O objetivo do vídeo *Entrevista com Maria* era levantar discussões sobre a fala apresentada pela personagem central do documentário, pois o que precisávamos era que os alunos observassem que existem falas em nosso país que são estigmatizadas apenas por não seguirem uma suposta norma gramatical, quando na verdade existem outras questões envolvidas que levam a esse preconceito linguístico.

A escolha dos gêneros textuais música e documentário foi o ponto mais importante, pois esses textos têm múltiplas funcionalidades, propiciando que os alunos pudessem refletir sobre os gêneros textuais, sobre a língua, sobre a norma padrão e não padrão e como a língua é dinâmica. Além de assistirem aos vídeos e lerem a letra da música, os alunos tiveram de observar com atenção as questões abordadas em cada um.

A música e o documentário são gêneros que podem ser escritos em norma padrão ou em linguagem coloquial, mas esses dois eram carregados de sotaques, palavras fora da norma padrão, e até mesmo palavras desconhecidas para os nossos alunos, por serem típicas de outra região. Sobre essas características, vale ressaltar a competência 04 da BNCC, que apresenta a seguinte reflexão sobre a variedade linguística:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 490)

Dando continuidade à sequência didática, na aula seguinte, em sala de aula, foram introduzidos conceitos básicos sobre variação linguística em níveis fonético-fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, sintáticos, lexicais e discursivos. Para isso, foi distribuído outro *handout* com algumas informações a respeito desses temas e fizemos alguns exercícios orais para que pudessem fixar melhor o assunto central da aula:

Quadro 2: *Handout* com conceitos básicos sobre variação linguística em níveis fonético-fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, sintáticos, lexicais e discursivos.

*Varição*: Dizer que a língua apresenta variação significa dizer que ela é heterogênea, logo, que apresenta diferenças entre seus falantes. A variação ocorre em todos os níveis da língua.  
*Nível fonético-fonológico*: Pensar em quantas pronúncias você conhece para o R da palavra porta no português brasileiro ou para T da palavra destino.

*Nível morfosintático:* Refletir sobre o uso de *nós* e *a gente* e sobre as concordâncias *nós falamos - nós fala* e *a gente fala - a gente falamos*.

*Nível lexical:* As palavras MIJO, XIXI e URINA se referem todas à mesma coisa.

*Fatores extralinguísticos:* Existem fatores sociais que podem estar relacionados a fenômenos em variação linguística. Os mais relevantes para pesquisa são os seguintes:

*Origem geográfica:* a língua varia de um lugar para o outro, cada região, estado, ou seja, cada área geográfica pode apresentar características diferentes de fala. Além disso, é importante verificar se a origem da pessoa é urbana ou rural.

*Status socioeconômico:* as pessoas com renda mais baixa não falam do mesmo modo que as pessoas que têm uma renda média ou mais alta.

*Grau de escolaridade:* o acesso maior ou menor à educação formal, a prática de leitura e escrita podem indicar o modo de fala.

*Idade:* os adolescentes não falam da mesma forma que seus pais, assim como esses também não falam da mesma forma que pessoas de gerações anteriores.

*Sexo:* homens e mulheres fazem usos diferentes de recursos da língua.

*Mercado de Trabalho:* o tipo de trabalho da pessoa pode influenciar sua forma de falar.

*Redes sociais:* cada pessoa adota comportamentos parecidos com os das pessoas com quem convive em sua rede social.

Fonte: Elaboração própria dos pibidianos.

Nessa aula, pudemos apresentar e discutir um pouco mais em relação a alguns conceitos relacionados à Teoria da Variação e da Mudança Linguística e, dessa forma, realizar uma reflexão com os alunos, mostrando de que maneira os fatores externos à língua, como condição socioeconômica, idade, escolaridade, entre outros fatores podem ou não influenciar na maneira como nos comunicamos.

Fizemos um esquema no quadro para evidenciar como nossa fala pode variar de um lugar a outro, mostrando palavras que para nossa fala no Espírito Santo são comuns, mas que, talvez, em outros estados soem de maneira diferente e também aprofundamos um pouco mais em dados técnicos que ajudam a reforçar a estrutura do preconceito linguístico.

Na terceira aula, para dar continuidade à sequência, seguimos na discussão da variação e preconceito linguístico, apresentando o vídeo *ARQUITETA X POLICIAL (Sou arquiteta, não posso ser presa!)*<sup>9</sup>, em que uma senhora que é arquiteta é abordada em uma parada policial e,

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PmAPMWPOUG0>. Acesso em: 20/01/21

nervosa, ataca verbalmente e agressivamente o agente policial, usando da sua profissão para justificar que não poderia receber tal abordagem. Utilizamos esse vídeo para que pudéssemos ilustrar que para algumas pessoas existe a ideia de que algumas profissões tornam pessoas superiores a outras apenas pelo fato de serem mais “bem vistas” perante a sociedade.

Após a exibição do vídeo, realizamos uma discussão a respeito das questões levantadas pelos alunos e, posteriormente, relacionamos essas questões ao conteúdo da aula anterior.

Ainda na mesma aula, apresentamos arquivos de áudio que registram falas de quatro pessoas de diferentes locais do Brasil, sendo esses do Rio de Janeiro, Bahia, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Esses áudios são de arquivo pessoal e nos serviram para que pudéssemos mostrar, na prática, como as falas variam muito dependendo da localidade de origem dos falantes. Reproduzimos os áudios e a cada um dávamos espaço para que todos pudessem relatar suas observações e impressões. Em alguns áudios, surgiram dúvidas sobre o significado de algumas palavras. Além disso, alguns alunos acharam curioso o jeito que alguns falavam. No geral, foi uma experiência muito rica.

Na quarta aula, apresentamos o gênero textual entrevista. Para exemplificar, retomamos a atividade desenvolvida no início do semestre com a TV Pibid, em que os pibidianos realizaram entrevistas com os alunos. Em seguida, entregamos aos alunos um *handout* (quadro 3) com informações básicas a respeito do gênero textual entrevista, para que os discentes pudessem seguir durante a aula. Além disso, apresentamos dois vídeos<sup>10</sup> de entrevistas feitas pela repórter Any Cometti e também adicionamos informações sobre a pesquisa sociolinguística, tema da atividade que foi realizada ao final da sequência.

Quadro 3: *Handout* com informações básicas a respeito do gênero textual entrevista

<p style="text-align: center;"><i>Gênero Textual Entrevista</i></p> <p>Existem vários tipos de entrevistas, como a entrevista de emprego, entrevista médica e entrevista jornalística. Esse gênero textual pressupõe a interação entre duas pessoas, no caso, entrevistador e entrevistado.</p> <p style="text-align: center;"><i>Gênero textual entrevista na modalidade oral (que pode ser transcrita)</i></p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>10</sup> “Mercado da Capixaba vai ser revitalizado” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLaLHGG1o9w>. Acesso em: 15/12/20  
“Repórter Any Cometti - Entrevista com Renato Casagrande”  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jO1Bu2CzRVQ>. Acesso em: 15/12/20

- Função Informativa;
- Função Social;
- Textos Informativos e opinativos;
- Mescla da linguagem formal e informal;

*Roteiro para realizar uma entrevista*

- Escolher a pessoa a ser entrevistada;
- Conhecer a pessoa que será entrevistada e o assunto que será o foco da entrevista;
- Escolher o tema;
- Fazer um roteiro de perguntas;
- Perguntas curtas e objetivas;
- Ao entrevistar, não confiem na memória, levem um gravador.

*A pesquisa sociolinguística*

- O pesquisador precisar neutralizar a sua presença, ou seja, a força exercida pelo elemento estranho inserido (o entrevistador e gravador/microfone);
- Evitar ao máximo a palavra “língua”, pois o objetivo é que o/a entrevistado(a) não preste atenção a sua própria maneira de falar;
- O envolvimento emocional da/do entrevistada(o) é um fator que auxilia no momento da entrevista, pois a atenção é voltada para o que se está falando e não o como se está falando.

Fonte: Elaboração própria dos pibidianos.

Nessa aula, demos continuidade ao tema central – a variação linguística – e abordamos brevemente sobre as pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas, exemplificando essas informações com o banco de dados do projeto PortVix. Também iniciamos um novo conteúdo, apresentando o gênero textual entrevista e, mais uma vez, exemplificando com as entrevistas do banco de dados do PortVix. O objetivo a partir desse momento era que as alunas e alunos entendessem sobre como funcionava uma entrevista para que, como atividade final, realizassem uma entrevista sociolinguística.

Essa aula foi realizada na sala de informática da escola, para que pudéssemos apresentar os exemplos sobre o gênero textual entrevista e apresentássemos dois vídeos da repórter Any Cometti, na época da *TV Record News ES*. No primeiro vídeo, Any Cometti fala com pessoas, na sua maioria, com linguagem mais popular, mesmo em uma situação de entrevista, e, em



outra, com um representante estatal, com uma linguagem mais culta, provavelmente devido ao seu cargo e também à situação extremamente monitorada da entrevista a um jornal.

Após assistir aos vídeos e discutir um pouco sobre o assunto, abordamos com eles as questões do *handout* ligadas ao passo a passo de como montar uma entrevista e um pouco sobre a pesquisa sociolinguística, para que pudessem ter um guia para a atividade que viria posteriormente. Encerramos a aula esclarecendo como seriam os próximos passos e quais tarefas eles deveriam começar a realizar.

Retornamos com a TV Pibid na quinta aula da sequência didática de variação linguística e para dar continuidade a esta sequência, convidamos a repórter Any Cometti para participar da nossa aula como entrevistada. Nessa entrevista da TV Pibid, os alunos puderam perguntar a ela questões sobre sua profissão e sobre como funciona uma reportagem antes de ir ao ar. Vale destacar que os alunos nos surpreenderam, tendo em vista que fizeram perguntas extremamente ricas e pertinentes.

Fotos 2 e 3: Imagem da câmera criada pelos pibidianos na sala de informática e o slide projetado durante a entrevista da TV Pibid com a jornalista Any Cometti.



Fonte: Arquivo pessoal dos pibidianos.

A TV Pibid, nesta aula, transformou-se em um programa de auditório, em que os alunos eram os entrevistadores e, ao mesmo tempo, a plateia. Os pibidianos ficaram responsáveis pela organização dos bastidores. Vale esclarecer que os alunos, como tarefa de casa, anteriormente, prepararam uma série de perguntas para a repórter convidada, e nós as enviamos previamente a ela para que estivesse de acordo e se preparasse. Além disso, fizemos uma vinheta para a TV Pibid, exibida durante a entrevista, e preparamos a sala de informática da escola para recebê-la da melhor forma.

Fotos 4 e 5: Imagens de Any Cometti com os alunos no dia da entrevista para a TV Pibid.



Fonte: Arquivo pessoal dos pibidianos.

Any Cometti, ao final da entrevista, ainda apresentou uma amostra de um *script* e de como ela estruturava suas reportagens. Assim, os alunos puderam ver um pouco como ela produzia seu trabalho. O objetivo era levar os alunos a entender como se fazia uma abordagem para realizar uma entrevista, assim como dicas de como proceder para que conseguissem as informações necessárias sem causar desconforto ao entrevistado.

Ao final, agradecemos a disponibilidade e entregamos um presente especial para ela como forma de agradecimento. Os alunos ficaram visivelmente empolgados com a presença dela. Em geral, podemos afirmar que a TV Pibid, com a entrevista de Any Cometti, foi uma experiência muito rica para todos que estavam presentes.

Foto 6: Imagem de Any Cometti com os alunos pibidianos e a professora supervisora.



Fonte: Arquivo pessoal dos pibidianos.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> As autoras esclarecem que todos os sujeitos presentes nesta foto permitiram sua divulgação.

Foto 7: Imagem de Any Cometti com os alunos pibidianos, a professora supervisora e os alunos do 3º ano do Ensino Médio.



Fonte: Arquivo pessoal dos pibidianos.<sup>12</sup>

Na aula seguinte, orientamos os alunos a produzirem sua própria pesquisa sociolinguística. No início do nosso trabalho com o tema, abordamos o processo de escolarização no nosso país e junto a isso falamos sobre os brasileiros escolarizados e não escolarizados. Lembramos que existem dentro da própria escola pessoas que não foram escolarizadas por muito tempo. Pedimos, então, aos alunos que se separassem em grupos e que cada grupo realizasse uma entrevista com algum profissional da própria escola, de preferência, de diversos setores. Os grupos, com nossa orientação, montaram o questionário para a entrevista e por três semanas ficaram responsáveis por entrevistar alguns desses profissionais. Ao final, elaboraram um relatório da experiência da entrevista.

Na última aula dessa sequência didática, todos os grupos apresentaram suas entrevistas, que também compõem o acervo de entrevistas da TV Pibid e oralmente discutimos sobre as impressões e diferenças constatadas na fala dos entrevistados, observando na prática a variação linguística na fala de diferentes profissionais da escola. Destacamos que essas diferenças poderiam estar relacionadas ao grau de escolaridade de cada um, à idade, à profissão, ao sexo/gênero, à localidade em que nasceu e morou, enfim, a diferentes questões que podem influenciar no uso da língua de cada um dos brasileiros.

### **Considerações finais**

---

<sup>12</sup> As autoras esclarecem que todos os sujeitos identificáveis presentes nesta foto permitiram sua divulgação.

Durante a experiência com a TV Pibid, relatada neste artigo, pudemos constatar que, como afirma Pimenta,

o exercício da docência não se reduz à aplicação de modelos previamente estabelecidos, mas que, ao contrário, é construído na prática dos sujeitos-professores historicamente situados. Assim, um processo formativo mobilizaria os saberes da teoria da educação necessários à compreensão da prática docente, capazes de desenvolverem as competências e habilidades para que os professores investiguem a própria atividade docente e, a partir dela, constituam os seus próprios saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de novos saberes. (PIMENTA, 2005, p. 528)

Os pibidianos, inicialmente, perceberam a necessidade de abordar o tema da variação linguística na turma em que estavam atuando e mobilizaram saberes da Teoria da Variação e da Mudança Linguística em uma sequência didática para que pudessem desenvolver nos alunos a compreensão do tema proposto, com o auxílio da TV Pibid.

Sabemos que o ensino de Língua Portuguesa configura-se como uma prática que engloba desafios, pairando pelo viés de práticas metodológicas disseminadas no cotidiano da sala de aula e apresentadas por documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico na escola é de total relevância para que a sociedade possa compreender que a heterogeneidade linguística faz parte da estrutura da língua.

A metodologia adotada no projeto TV Pibid, sem dúvidas, pôde contribuir para o sucesso que foi o desenvolvimento deste projeto o qual pode ser comprovado no relato da supervisora Fabíola de Castro Neto, que acompanhou, em sala de aula, a condução de todas as etapas:

O PIBID é um programa que permite ao professor regular e aos pibidianos uma troca de experiência sem igual. As propostas apresentadas pela dupla saíram do tradicional da sala de aula. O projeto TV Pibid foi a porta de entrada deles com a turma, e os alunos ficaram encantados, uma maneira diferente de quebrar a tensão inicial e mostrar uma forma de construção de texto. E isso continuou durante o tempo de estágio, os temas das aulas nunca eram trabalhados de forma tradicional, o que para a rotina da sala de aula é muito bom. Um outro momento importante foi a participação da jornalista Any Cometti. Nesse dia, os pibidianos trabalharam o gênero textual entrevista na forma prática. É claro que a simpatia da entrevistada contribuiu para que a aula/entrevista fosse um sucesso. Sou professora há mais de vinte anos e precisamos sempre inovar nossa maneira de trabalhar, pois cada geração que chega traz na bagagem novos anseios, novas gírias e outro modo de se "colocar no mundo", e a parceria com os pibidianos contribuiu ainda mais para que isso acontecesse. Parabéns pelo excelente trabalho e tenho a certeza de que vocês serão excelentes professores. Sucesso na caminhada de vocês.

Com este artigo, pudemos demonstrar que o Pibid propicia uma vivência no ambiente escolar que ao longo da formação nos cursos de licenciatura nem sempre são possíveis. Os tipos de experiências que o Pibid propicia, como a relatada aqui, permitem que o discente do curso de licenciatura vivencie realidades diversas nos ambientes escolares, entendendo a prática docente, refletindo sobre ela e valorizando o papel do professor.

## Referências

- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- FOEGER, Camila Candeias. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- GUY, Gregory Riordan, ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MENDONÇA, Alexandre K. de. **Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba**. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- MENEZES, Bruna; SANTOS, Dalve; SILVA, Greize. Variação Linguística e BNCC: um olhar para o ensino médio. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, v. 06, ed. nº 3, 8 jan. 2020.
- PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, 2005.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Um diálogo entre tradição, variação e preconceito: identidades silenciadas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1975].
- YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa L; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.